

Rubem Braga DN 25.9.69

Nós, os Palhaços

O CARIOCA, outrora alegre e gentil, virou grosseiro e irritadiço. Sai de casa pela manhã como quem sai para uma briga; mantém para com o colega de ônibus uma atitude de "neutralidade anti-pática" e, para com o motorista ou cobrador, de "beligerância em potencial". Não cede lugar a nenhuma senhora, e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade apenas para comprar um carretel; e quando cede lugar a uma dama bonita acha que adquiriu com isso o direito de ser louca e imediatamente amado pela mesma.

O chofer considera todo colega um "barbeiro" e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio. O "garçon" irrita-se porque o freguês tem a veleidade de lhe pedir alguma coisa, e cada freguês acredita ter o privilégio natural de ser servido em primeiro lugar. Em resumo; o próximo a quem outrora chamávamos de cavalheiro é hoje um "palhaço".

Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e este quase se chocou com um carro particular. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos:

— Palhaço!
— Palhaço!

Confesso que eu mesmo, que não entrei na conversa, me senti também um pouco palhaço. Ou pelo menos um membro do circo — este vasto circo de neurastênicos...